



GT 28. Das coleções aos sujeitos, dos sujeitos às coleções: nova luz sobre os acervos etnográficos musealizados

Coordenador(es):

Adriana Russi Tavares de Mello (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Lúcia Hussak Van Velthem (Museu Paraense Emilio Goeldi)

Sessão 1

Debatedor/a: Marília Xavier Cury (MAE-USP)

Sessão 2

Debatedor/a: Lia Fernandes Peixinho (UNIRIO)

Desde o final da década de 1990 os processos museológicos relacionados às coleções etnográficas vem sendo alvo de críticas, reflexões e significativas mudanças. Nesse sentido, a antropologia e a museologia reviram seus pressupostos epistemológicos o que provocou entre outros a constituição de uma nova ética na relação com os chamados "informantes" ou "povos representados" nas coleções. Paralelamente, em diferentes localidades os povos tradicionais, os povos indígenas e outros povos tem se organizado para pressionar governos, pesquisadores e a sociedade em geral na garantia de seus direitos, o que por sua vez em muitos casos desaguou na formulação de políticas próprias que lhes asseguram tais direitos. Direito ao território, às memórias, às tradições, à língua, à educação diferenciada e ao patrimônio são apenas alguns destes direitos. Implicadas com tais mudanças, diversas instituições e iniciativas lançam uma nova luz sobre as coleções etnográficas, iluminando práticas que são construídas por um fazer colaborativo com povos indígenas, populações tradicionais e outros grupos sociais na busca de novos sentidos para além das próprias coleções. Assim, este GT pretende acolher relatos de experiências e reflexões, conduzidas em espaços museais ou fora deles por diferentes atores, que versam sobre o duplo caminho que articula coleções e sujeitos, sujeitos e coleções.

O que dizem os objetos? Um estudos sobre os objetos indígenas nas coleções de Mário de Andrade

Autoria: Beatriz Andreoli Vargas de Almeida Braga (Museu Paulista)

O presente work consiste em uma parte da pesquisa de mestrado da proponente, que tem como objetivo abordar os objetos indígenas colecionados por Mário de Andrade, a fim de refletir sobre o lugar e importância destes na relação do escritor com a antropologia e em sua construção da figura e do universo indígenas. Levando em consideração a importância da atuação do escritor modernista na germinação da disciplina do país, buscar-se-á refletir sobre os trajetos dos objetos supracitados durante as práticas de colecionamento e de pesquisa de Mário de Andrade. O acompanhamento destes percursos se dará com vistas à compreensão da construção, pelo escritor, das categorias de "popular", "folclore" e "indígena" no que tange especificamente à produção de uma representação da alteridade indígena em seu imaginário modernista. O corpus analítico da pesquisa consiste, assim, nos objetos classificados como "indígena" ou cujos aspectos formais (forma, material, ornamentos) os associe a contextos indígenas, e que estão localizados na Coleção de Artes Visuais do Fundo Mário de Andrade, sob custódia do IEB/USP, e na Coleção Missão de Pesquisas Folclóricas, parte integrante do Acervo Histórico da Discoteca Oneyda Alvarenga, sob guarda do CCSP. Discutir-se-á, portanto, a produção de práticas e de tecnologias de pesquisa por Mário de Andrade a partir de suas viagens etnográficas ao Norte e Nordeste brasileiros, realizadas entre 1927 e 1929,



e da ida de uma equipe de técnicos do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo à região Norte do Brasil, em 1938, sob sua direção, viagem conhecida como ?Missão de Pesquisas Folclóricas?. O work exposto filia-se, assim, aos estudos antropológicos sobre objetos materiais que desde as últimas duas décadas do século XX têm contribuído para o retorno do interesse da antropologia pela materialidade. Os objetos constituirão o caminho pelo qual as viagens etnográficas de Mário de Andrade e a realização da Missão de Pesquisas Folclóricas serão analisadas, estabelecendo entre os objetos e os escritos produzidos nestes períodos um cruzamento analítico, que permitirá ao work aqui proposto aproximar-se, não apenas do cotidiano de viagem de Mário de Andrade e do work realizado pela equipe da Missão sob sua orientação, mas também da relação e diálogos deste último com a antropologia.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: